REVISTA EDIÇÃO 6 | 2024

MAHRTE OPES

TIRO ESPORTIVO E ARTES MARCIAIS

ANDERSON SILVA

"Fui campeão do UFC (Ultimate Fighting Championship) por um longo período, estabelecendo um recorde de 16 vitórias consecutivas e defendendo meu título por 10 vezes".

28
Impactos Psicológicos
PAULO RICARDO

36
Habilidades Comportamentais
FABIO GOMES

46
Galeria de Honra
HONNEY CORDEIRO

MAHRTE
A MAIOR LOJA DE ARTIGOS TÁTICOS E DE AVENTURA DO BRASIL
SIGA A@MAHRTE
(11) 95825-0000
MAHRTE.COM
PARTICIPE DA COMUNIDADE DA MAHRTE
E FIQUE POR DENTRO DE PROMOÇÕES E NOVIDADES EM 1ª MÃO

Nós defendemos a liberdade, ela está em nosso DNA. Somos muito mais que uma loja, somos um conceito. Somos a extensão do operador em tudo o que ele carrega consigo, para treinar, divertir ou combater!

UM MUNDO DE PRODUTOS TÁTICOS PARA VOCÊ!

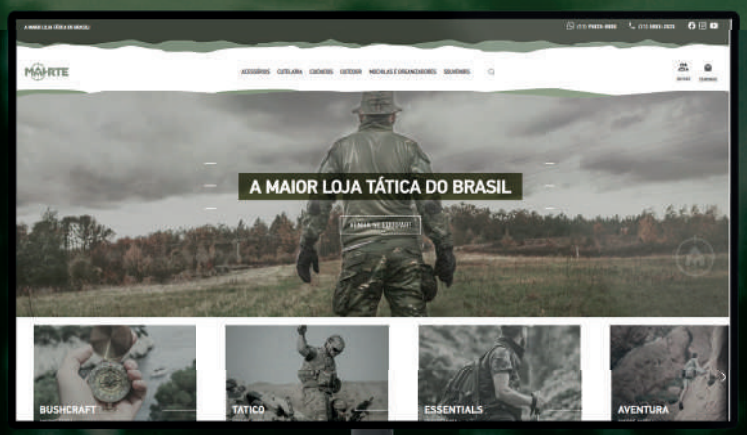
A linha de produtos da mahrte vai desde um par de meias até um fuzil de precisão.

ARMAMENTO RÁPIDO E FÁCIL

A **Mahrte** revolucionou o acesso ao armamento de fogo, implantando a venda de **diversos modelos** de armas importadas e nacionais, todas a pronta entrega na loja e pagamento facilitado em **até 24x!**

AGORA ESTAMOS EM TODO BRASIL

LOJA.MAHRTE.COM



MAHRTE KLABIN

R. Maurício Francisco Klabin 503
Vila Mariana, São Paulo – SP

MAHRTE TATUAPÉ

R. Padre Adelino, 1745
Tatuape, São Paulo – SP

MAHRTE BASE ARMALITE

Av. Base Armalite, 01
Fazenda Vila Realde Itu, Itu – SP

NÃO IMPORTA ONDE ESTÁ, O QUE VOCÊ GOSTA OU PRECISA FAZER. EM CADA ITEM QUE VOCÊ LEVA ESTOU JUNTO COM VOCÊ. PRAZER, EU SOU A MAHRTE!

HOOP
AGRUPAR E MANTER POSIÇÃO

Quem é leitor da nossa revista sabe o que significa essa frase. Esse é o momento de nos agruparmos, fortalecermos nosso setor e manter nossa posição.

Momento de demonstrarmos nossa união.

Marcas, operadores de segurança pública, clubes, operadores de segurança nacional, atiradores, lojas, influenciadores, fabricantes e claro os amantes desse setor apaixonante.

A experiência pode ser a mesma, mas o grande diferencial, é o que você faz com ela após o ocorrido, poderíamos nos desmotivar, até mesmo nos acovardar, mas isso não é perfil do nosso meio. Somos aqueles que quando todos correm para se proteger corremos para fazer a proteção.
Essa é a principal mensagem desse editorial.

Tenha certeza que você não está sozinho nesta batalha.

Resistiremos e será grandiosa nossa vitória.

Parafraseando um grande ícone da nossa história:

"Não tenho nada a oferecer senão sangue, trabalho, lágrimas e suor".

E é isso que nos faz tão honrados.

Gustavo Griffo.
Editor-chefe Mtb 41272/RJ
@gustavogriffo

10 RODNEY LISBOA
Sistema de classificação TIER

16 LEONE BORGES
As Tropas de Choque

22 ANDERSON SILVA
Tiro Esportivo e Artes Marciais

28 PAULO RICARDO
Impactos Psicológicos

36 FABIO GOMES
Habilidades Comportamentais

40 RENAN ALMEIDA
Cursos Operacionais

46 HONNEY CORDEIRO
Pedaço de Borracha (Galeria de Honra)

TUDO ISSO E MUITO MAIS PRA VOCÊ!

QUANTO VALE SEU CONHECIMENTO?

SIGA A @EDITORAGRIFFOS

(21) 3170-1009 WWW.EDITORAGRIFFOS.COM

CONTATO@EDITORAGRIFFOS.COM

ACESSE O NOSSO SITE

EDITORIAL

Revista Mahrte Ope-S
Editora Griffo's

Editor Chefe/Jornalista responsável
Gustavo Griffo MTB 41272/RJ

Diretora Executiva
Luciana Frutuoso

Diretor Comercial
Anderson Lourenço

Direção de Arte, Diagramação, Arte Final e Revisão
adambrands.com.br

Conselho Editorial
Luciana Frutuoso, Anderson Lourenço, Ivy Siebert, Gustavo Griffo

Articulistas
Anderson Silva, Fabio Gomes, Honney Cordeiro, Leone Borges, Paulo Ricardo, Renan Almeida e Rodney Lisboa.

Fotos Capa e Artigo Anderson Silva:
Rodrigo Terassan

Canais de comunicação
@revistamahrteopes
@editoragriffos
www.editoragriffos.com
contato@editoragriffos.com
(21) 31701009

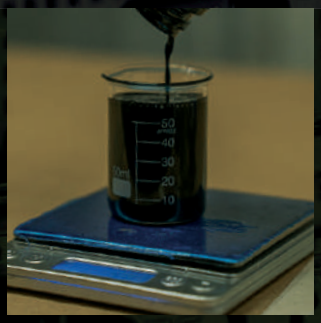
Mídias associadas
@mahrte

Mahrte Ope-S - 6ª Edição - Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento e transmissão total ou parcial deste editorial, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião deste veículo.

ARMERIA

MAHRTE TATUAPÉ

NA NOSSA UNIDADE DO TATUAPÉ TEMOS UMA OFICINA DE REPARO E CUSTOMIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS! AQUI VOCÊ COMPRA, DEIXA COM A SUA CARA E AINDA CUIDA DA SUA ARMA!



ALGUNS DOS SERVIÇOS REALIZADOS SÃO:

- PINTURA EM CERAKOTE
- CUSTOMIZAÇÃO
- TROCAS E AJUSTES DE PEÇAS
- AMACIAMENTO E ALÍVIO DE MECANISMO
- CONSERTOS E REPAROS

É O JEITO ÚNICO DA MELHOR LOJA DE EQUIPAMENTOS TÁTICOS E DE AVENTURA TE ATENDER!

R. PADRE ADELINO, 1745 - TATUAPÉ, SÃO PAULO – SP

MAHRTE

SIGA A @MAHRTE

(11) 95825-0000 MAHRTE.COM

RODNEY LISBOA

SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO TIER

AS UNIDADES MILITARES DE ELITE DIFERENCIADAS POR NÍVEIS

O CENÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO CARACTERIZA-SE, PRINCIPALMENTE, PELA IMPREVISIBILIDADE E COMPLEXIDADE DOS INÚMEROS DESAFIOS COM OS QUAIS OS ESTADOS NACIONAIS TÊM QUE LIDAR NO ESFORÇO PARA DEFENDER SUA SEGURANÇA E LUTAR PARA GARANTIR SUA SOBERANIA.

As crises e conflitos típicos do século XXI, travados predominantemente em um ambiente operacional assimétrico, atribuíram um protagonismo até então inédito às Operações Especiais (OpEsp), sendo elas responsáveis por desempenhar um papel central, quando não principal, no enfrentamento às forças adversas que ameaçam o poder e a autoridade dos Estados.

Percebidas por inúmeros atores estatais como um importante instrumento capaz de atuar nos Quatro Níveis de Condução das Crises e/ou Conflitos (Político, Estratégico, Operacional e Tático) com o propósito de alcançar objetivos políticos, econômicos, psicossociais e/ou militares, as Forças de Operações Especiais (FOpEsp) operam de forma distinta daquelas realizadas por tropas convencionais, proporcionando aos países aos quais encontram-se vinculadas uma solução singular para a resolução de diferentes questões/problemas que afetam os interesses estatais.

Neste enquadramento, as FOpEsp podem ser definidas como sendo uma tipologia de tropas vocacionadas para a execução de ações militares não convencionais, sendo elas especialmente organizadas, adestradas e equipadas, empregadas em tempos de paz, crise ou conflito (quer em ambiente hostil, negado ou politicamente sensível), valendo-se de contingente reduzido (pequenas frações), a fim de buscar a consecução de objetivos que sejam afetos aos interesses do Estado que as patrocina.

Introduzido pelo Comando Conjunto de Operações Especiais **JSOC** (Joint Special Operations Command) dos EUA como uma forma não oficial de classificação para diferenciar os níveis de treinamento, empregabilidade, segurança operacional e investimento de suas tropas especiais, o Sistema de Classificação por Níveis das FOpEsp (Sistema TIER) é dividido em três grupos distintos de unidades militares de elite (TIER 1, TIER 2 e TIER 3) sendo cada um deles estabelecido conforme um conjunto de oito critérios específicos (QUADRO 1):

1°. Nível Decisório;

2°. Comando e Controle;

3°. Projeção de Poder;

4°. Flexibilidade Operacional;

5°. Adaptabilidade Tática;

6°. Apoio Logístico;

7°. Suporte Financeiro;

8°. Demandas Adicionais.

TIER 1

As Unidades TIER 1, também conhecidas como Unidades de Missões Especiais (SMUs [Special Mission Units]), congregam um grupo de quatro FOpEsp, consideradas de primeiro escalão no âmbito da comunidade de OpEsp dos EUA, sendo elas subordinadas ao JSOC. Tais unidades são designadas e organizadas com o propósito de executar operações secretas, cujo nível de sensibilidade/criticidade interfere diretamente nos interesses político-estratégicos do Estado norte-americano. São componentes desse nível de classificação:

Exército: 1º Destacamento Operacional de Forças Especiais-Delta (1st SFOD-D [1st Special Forces Operational Detachment-Delta]), também conhecido pelo termo Força Delta (Delta Force); Atividade de Apoio à Inteligência (ISA [Intelligence Support Agency]).

Marinha: Grupo de Desenvolvimento de Guerra Especial Naval (NSWDG [Naval Special Warfare Development Group]), comumente conhecido pelo acrônimo DEVGRU.

Força Aérea: 24º Esquadrão de Táticas Especiais (24 STS [24th Special Tactics Squadron]).

TIER 2

Geralmente empregadas para executar operações de natureza encoberta (o Estado patrocinador da ação esforça-se para negar de forma plausível seu vínculo com a operação), discreta (o Estado patrocinador da ação não esconde seu vínculo com a operação, mas esforça-se para que ela seja realizada de forma dissimulada) ou aberta (a operação ocorre publicamente e de forma declarada), as unidades TIER 2 estão subordinadas aos respectivos comandos de OpEsp de cada Força e por extensão ao USSOCOM. Constituído por um grupo de FOpEsp de segundo escalão, esse nível é composto pelas seguintes tropas especiais:

Exército: Grupos de Forças Especiais Aerotransportados (SFG-A [Special Forces Group-Airborne]); o 75º Regimento Ranger (75th Ranger Regiment); 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais Aerotransportado (160 SOAR [160th Special Operations Aviation Regiment-Airborne]), também conhecido pelo termo Nightstalkers.

Marinha: Equipes SEAL (STs [SEAL Teams]); Equipes de Embarcações Especiais (SBTs [Special Boat Teams]).

Corpo de Fuzileiros Navais: Equipes de Operações Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais (MSOTs [Marine Special Operations Teams]).

Força Aérea: Equipes de Controladores de Combate (CCTs [Combat Controller Teams]); Aviadores de Para-Resgate (PJs [Pararescue Jumpers]).

TIER 3

Por sua vez, as unidades TIER 3 reúnem tropas convencionais (não qualificadas em OpEsp) que atuam provendo importante apoio aos componentes de Infantaria. Nesse nível de classificação, as unidades integrantes apresentam capacidades operacionais e nível de treinamento considerados basilares/elementares quando comparados às unidades TIER 1 e 2. São exemplos de tropas enquadradas nesta categoria:

Exército: 101ª Divisão Aerotransportada (101st Airborne Division); 82ª Divisão Aerotransportada (82nd Airborne Division); 10ª Divisão de Montanha (10th Mountain Division).

Marinha: Esquadrões Ribeirinhos (RIVRON [Riverine Squadrons]).

Corpo de Fuzileiros Navais: Divisão de Reconhecimento (Marine Division Reconnaissance), formada pelo 1º, 2º 3º e 4º Batalhões de Reconhecimento (Reconnaissance Battalions).

Força Aérea: 142ª Ala de Caça (142nd Fighter Wing); 147ª Ala de Reconhecimento (147th Reconnaissance Wing).

LODYNA
ANTI TRAUMA BALÍSTICO

Redutor de trauma balístico

- Segurança
- Integridade
- Proteção

Laudado no laboratório NTS

LODYNA
ANTI TRAUMA BALÍSTICO

- ANTI-CHAMA
- LEVE
- FLEXÍVEL
- MAIS ABSORÇÃO DO IMPACTO
- ATÓXICO
- MENOS LESÕES

WWW.LODYNA.COM.BR
(11) 95308-0001
@LODYNA_OFICIAL

Pontos de venda:
LOJAS MAHRTE
WWW.INVICTUS.COM.BR
Representante São Paulo
Milton Cruz: (11) 94759-2672

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese o fato do Sistema de Classificação TIER ter sido introduzido no cenário internacional pelo USSOCOM, tal sistematização vem sendo adotada como referência para categorizar as unidades de elite de outras nações (Reino Unido; Alemanha; França; Canadá; Polônia; Austrália; entre outros) que compuseram, junto com os norte-americanos, a coalisão que levou adiante a Guerra Global contra o Terrorismo desencadeada após os atentados de 11 de Setembro de 2001 contra o território estadunidense. Assim sendo, são classificadas como unidades de Nível 1 (TIER 1), podendo ser empregadas mundialmente, as FOpEsp que têm destacada experiência e elevado grau de profissionalismo, além de empregarem o máximo de suas capacidades operativas atuando de modo a buscar a consecução de objetivos de alto valor (político-estratégicos) para os Estados que as patrocinam.

É necessário considerar que os países que adotam o sistema de classificação de suas tropas de elite por níveis tiveram que passar por um gradativo e profundo processo de desenvolvimento de mentalidade, cuja transformação de concepções e julgamentos oportunizou um novo discernimento, que preconiza o emprego das unidades Nível 1 e 2 como forma de mitigar os riscos em situações de elevada criticidade, de modo a gerar efeitos positivos e substanciais para os Estados em favor dos quais essas unidades atuam.

RODNEY LISBOA

Mestre no Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval (Marinha do Brasil)

Pós-graduado em História Militar

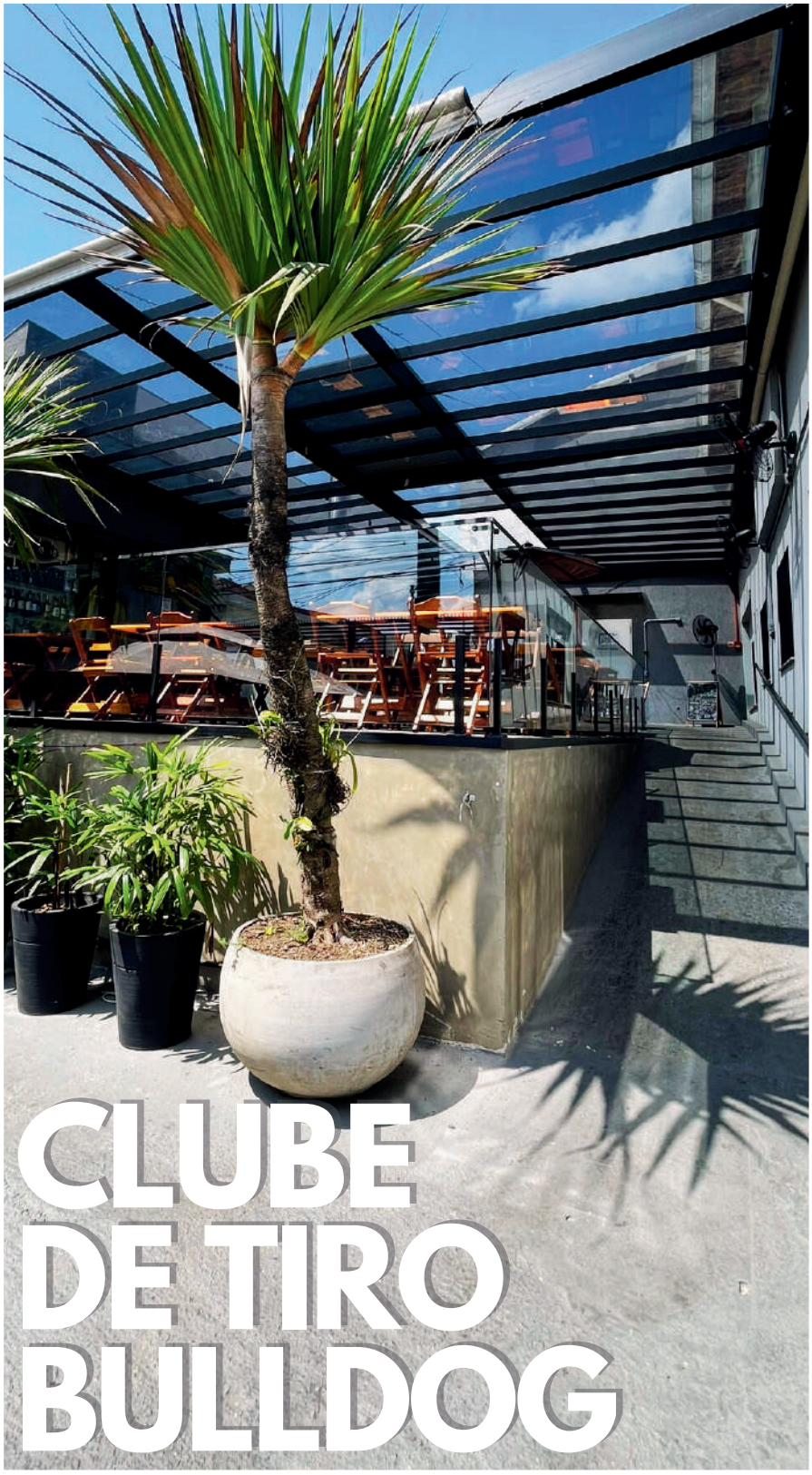
Autor do livro "Guardiões de Netuno: Origem e Evolução do Grupamento de Mergulhadores de Combate da Marinha do Brasil" (2018);

Autor do livro "Operações Especiais: Abordagens sobre as Ações Militares Não Convencionais" (2022).

@rodneylisboa27

#VEMPROBULLDOG

@CLUBEDETIROBULLDOG



WHATSAPP

Entre em contato conosco pelo QR CODE ao lado, estamos te esperando.

VENHA NOS VISITAR E DESCUBRA POR QUE SOMOS O DESTINO PREFERIDO DOS AMANTES DO TIRO.

Descubra a emoção de dominar diferentes tipos de armas enquanto aprimora suas técnicas sob a orientação de instrutores experientes.
Junte-se a nós e descubra por que somos a escolha número um dos entusiastas do tiro.

AS TROPAS DE CHOQUE

NA ERA CONTEMPORÂNEA E SUA ATUAÇÃO EM OCD

LEONE BORGES

Na concepção do autor David C. Knight, na obra Shock Troops: The History of Elite Corps and Special Forces, que em uma tradução livre significa Tropas de Choque: A História do Corpo de Elite e das Forças Especiais, atualmente quase todo exército avançado tem suas Tropas de Choque, que são forças militares mais treinadas, mais aptas e resistentes em comparação a uma tropa de infantaria comum ou convencional, e as tarefas árduas e perigosas são normalmente reservadas a elas.

O autor cita o U.S. Marines (Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA) como uma das mais antigas formações sobreviventes de soldados de elite, tendo sua formação desde a Guerra da Independência norte-americana (1776 - 1783) até seus feitos na Guerra do Vietnã (1955 - 1975). Destaca também a French Foreig Legion (Legião Estrangeira Francesa) como um corpo de elite há tempos estabelecido (1831), sendo uma das primeiras organizações modernas de Tropas de Choque, esses legionários colecionam ilustres batalhas que vão das selvas da África Ocidental até as regiões áridas do Saara, entre outros feitos em regiões da Espanha, Criméia, Itália, México, Extremo Oriente e Madagascar, que os fizeram ganhar uma mística de invencibilidade e bravura imprudente.

Ele categoriza também como Tropas de Choque: o British SAS - Special Air Service (Serviço Aéreo Especial Britânico) com atuação brilhante no resgate de reféns na embaixada do Irã em Londres (Operação Nimrod, abril a maio de 1980); certas unidades das Waffen-SS alemãs, que possivelmente herdaram o legado das táticas dos Stosstruppen e SS-Stoßtrupp na Primeira Grande

Guerra; unidades de Commandos e dos Rangers norte-americanos, além de outras Tropas de Choque de destaque pelo mundo ao longo da história que cita em sua obra. Daí surgiram as primeiras operações de choque pelo mundo.

TROPAS DE CHOQUE NA ATUAÇÃO EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS

Cabe inicialmente salientar que operações de controle de distúrbios, sigla OCD (em algumas forças é chamado de controle de distúrbios civis, sigla CDC), não se confunde com o conceito de Operações de Choque (Op Chq), que são ações militares que estão inseridas em um contexto de Operações Especiais (Op Esp), cuja finalidade na segurança pública é restabelecer a ordem severamente comprometida, atuando em missões complexas, de alto valor operacional ou que superem a capacidade técnica da tropa de polícia convencional.

O cerne das Tropas de Choque é a superioridade relativa.

Na era contemporânea, aos moldes das Forças Armadas, as Forças Singulares (militares estaduais) estabeleceram suas Tropas de Choque de forma bem peculiar, criando unidades ou grandes unidades (comandos intermediários) especializadas em Operações de Choque: os Batalhões de Polícia de Choque – BPChq ou Comandos de Policiamento de Choque – CP Choque (que contempla várias unidades com essa expertise em um único comando intermediário).

Essas unidades foram concebidas para se imbuir de árduas missões no contexto da segurança pública, agregando todas as características das Tropas de Choque pioneiras pelo mundo.

A título de exemplo de constituição de uma dessas unidades, tem-se o BPChq do Rio de Janeiro, que teve como origem o Pelotão Motorizado, criado em 13 de fevereiro de 1941. Em 13 de setembro de 1941, se tornou a Companhia de Metralhadora Motorizada. Em 16 de julho de 1963, foi denominado Batalhão Motorizado. Em 24 de Julho de 1968, passou a se denominar Batalhão de Choque.

Em 05 de outubro de 1971, foi criado o Regimento de Choque, resultante da fusão do 1º Regimento de Cavalaria com o Batalhão de Choque. Em 15 de março de 1975 os estados do Rio de Janeiro e da Guanabara se fundem e passam a formar o Estado do Rio de Janeiro. Com esta fusão a PMRJ e PMEG se unificaram formando a PMERJ, e a unidade passou a ser designada como Batalhão de Polícia de Choque.

Por meio do Decreto-Lei nº 92, de 06 de maio de 1975, se estabeleceu no art. 36, § 2º - "O Comandante-Geral da Polícia Militar terá como força de reação, no mínimo, um Batalhão de Polícia de Choque (BPChq) especialmente instruído e treinado para as missões de contraguerrilha urbana e rural, o qual será usado, também, em outras missões de policiamento."

DELUXE
LOG

(11) 4105-4352 I (11) 2676-3369

R. Armando Dias 360, Chácara
Mafalda - São Paulo/SP

NOSSOS SERVIÇOS:

Desembaraço Aduaneiro.

Gestão e assessoria logística.

Logística internacional.

MAHRTE

FAÇA COMO A MAHRTE, CONTE COM QUEM É LÍDER EM GESTÃO ADUANEIRA.

Nos anos de 1982 até o final da década de 1980, o BPChq sediou e teve subordinado administrativamente o Núcleo da Companhia de Operações Especiais (NuCOE), fazendo parte orgânica da Unidade. O NuCOE recebeu a partir de então a designação de Companhia de Operações Especiais (COE), que se tornaria em 1991 uma unidade independente (BOPE) e instalada fora das dependências do BPChq. O Batalhão de Polícia de Choque da PMERJ fica sediado no Regimento Marechal Caetano de Faria, no Centro do Estado.

Os exércitos e as forças estaduais de segurança pública passaram a dotar seus agentes de treinamento e equipamento para atuar em situações de grave perturbação da ordem pública geradas por movimentos populares violentos formados por turbas.

Essas turbas eram em grande parte compostas por agitadores, radicais políticos e até por guerrilheiros, que em campo aberto, infligiam o embate civil com as forças do Estado, e por essa razão, alguns chamavam esses eventos de distúrbios civis, hoje o termo CDC (controle de distúrbios civis) é considerado tecnicamente equivocado, pois uma Tropa de Choque não atua somente em distúrbios civis, e sim em distúrbios de qualquer natureza, que inclusive podem ser militares (crimes relacionados a motim).

Atualmente muitos desses embates com as forças policiais são orquestrados por grupos organizados para esse tipo de confronto, empregando uma tática que ficou conhecida como "Black Bloc".

No âmbito da segurança pública no Brasil, bem como em vários países no mundo, a tropa de elite designada para atuar nesse tipo de evento foi a Tropa de Choque, que eram forças militares especiais orgânicas dos BPChq ou CP Choque, e que diante desse novo tipo de conflito, se valendo de toda doutrina e legado de sua origem como infantaria, que remonta às legiões romanas e às falanges gregas, bem como de outros exércitos da era medieval, fez surgir um conjunto de táticas militares chamado de operações de controle de distúrbios. Nele prevalece a característica de infantaria pesada em razão do equipamento de proteção, quantidade de armamento empregado e veículos pesados especiais, sendo atualmente a maioria deles blindados.

O emprego das novas táticas de controle de distúrbios pelas Tropas de Choque se mostrou tão eficaz, que essa função se tornou a essência das unidades de choque no Brasil e no mundo, e as forças militares do país, em sua maioria, incluindo as Forças Armadas, adotam a simbologia (heráldica militar) do elmo coríntio e elmo medieval dos cavaleiros de exércitos das antigas legiões para identificar o "guerreiro choqueano".

Atualmente as OCD são consideradas uma função específica dos Batalhões de Choque ou dos Comandos de Policiamento de Choque, mas nesse caso, por ser o aparato mais caro do Estado para esse tipo de conflito, dentre outras questões de cunho técnico e legal, atua somente como "ultima ratio regis", havendo sempre uma primeira resposta ao conflito ou possibilidade de conflito por parte de unidades policiais convencionais.

Por fim, semelhante ao que ocorreu na história das Operações de Choque pelo mundo, em que cada exército concebeu sua Tropa de Choque para determinada finalidade, a polícias militares criaram suas Tropas de Choque para missões especiais a depender do contexto histórico na segurança pública, da criminalidade enfrentada, bem como da própria geografia do estado. É comum no imaginário popular, e até de militares, associar uma Tropa de Choque exclusivamente a controle de distúrbios.

Nem toda unidade de choque foi criada para atuar em OCD, muito pelo contrário, as Operações de Choque pelo mundo são muito mais antigas que as operações de controle de distúrbios.

Mesmo no Brasil, a exemplo do BPChq do Rio de Janeiro, que foi criado como Pelotão Motorizado em 1941, e sua designação atual datada de 1975, no contexto do regime militar, não foi concebido para operações de controle de distúrbios, e sim para atuar como missão precípua na contraguerrilha urbana e rural. Apenas com o decorrer dos anos, provavelmente com o fim do regime militar, é que a Unidade assumiu o protagonismo, outrora das Forças Armadas, em operações de controle de distúrbios na segurança pública.

Assim como ocorreu no Rio de Janeiro na década de 1980, em vários estados pelo Brasil as unidades de polícia de choque (BPChq ou CP Choque) foram embrionárias de unidades de operações especiais, que em alguns casos se tornaram batalhões independentes, como PMDF, PMSE, PMSC, PMES.

Na PMCE, na década de 1980, sua Tropa de Choque possuía companhias operacionais responsáveis pelas seguintes áreas de especialização: patrulhamento urbano, patrulhamento rural, gestão de multidões e operações especiais. Apenas em 2019, quando se tornou uma grande unidade (comando intermediário): o CP Choque, é que passou a possuir quatro batalhões oriundos das subunidades do antigo BPChq, sendo: Comando Tático Motorizado – COTAM; Batalhão de Polícia de Choque – BPChq; Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e Batalhão Especializado em Policiamento no Interior – BEPI.

LEONE BORGES

Oficial da Polícia Militar do Rio de Janeiro (CFO-PMERJ)

Oficial da Reserva do Exército Brasileiro (CFOR-EB)

Especialista em Operações de Choque (COPC-PMERJ)

@leone_borges_1467

TIRO ESPORTIVO E ARTES MARCIAIS

ANDERSON SILVA

Olá meu nome é Anderson Silva. Nascido em SP em 14/04/1975 com 4 anos mudei para a casa dos meus padrinhos a quem chamo de pais. Curitiba foi meu início nas artes marciais onde me tornei atleta de artes marciais até virar um profissional lutador de (MMA).

Fui considerado um dos maiores lutadores de todos os tempos na categoria peso médio. Meu primeiro título mundial foi no Japão, no Shooto em 2001. Em 2004 conquistei meu segundo título mundial e em 2006 tive minha estreia no UFC onde estabeleci minha carreira. No dia 1 de março de 2008, em uma disputa de unificação de títulos do UFC e Pride contra Dan Henderson, venci meu adversário, sendo o único atleta de MMA no mundo a ter 4 títulos mundiais

Prepare-se para a

4ª edição!

MARTE apresenta

SHOT FAIR® BRASIL

Distrito Anhembi
SÃO PAULO/SP

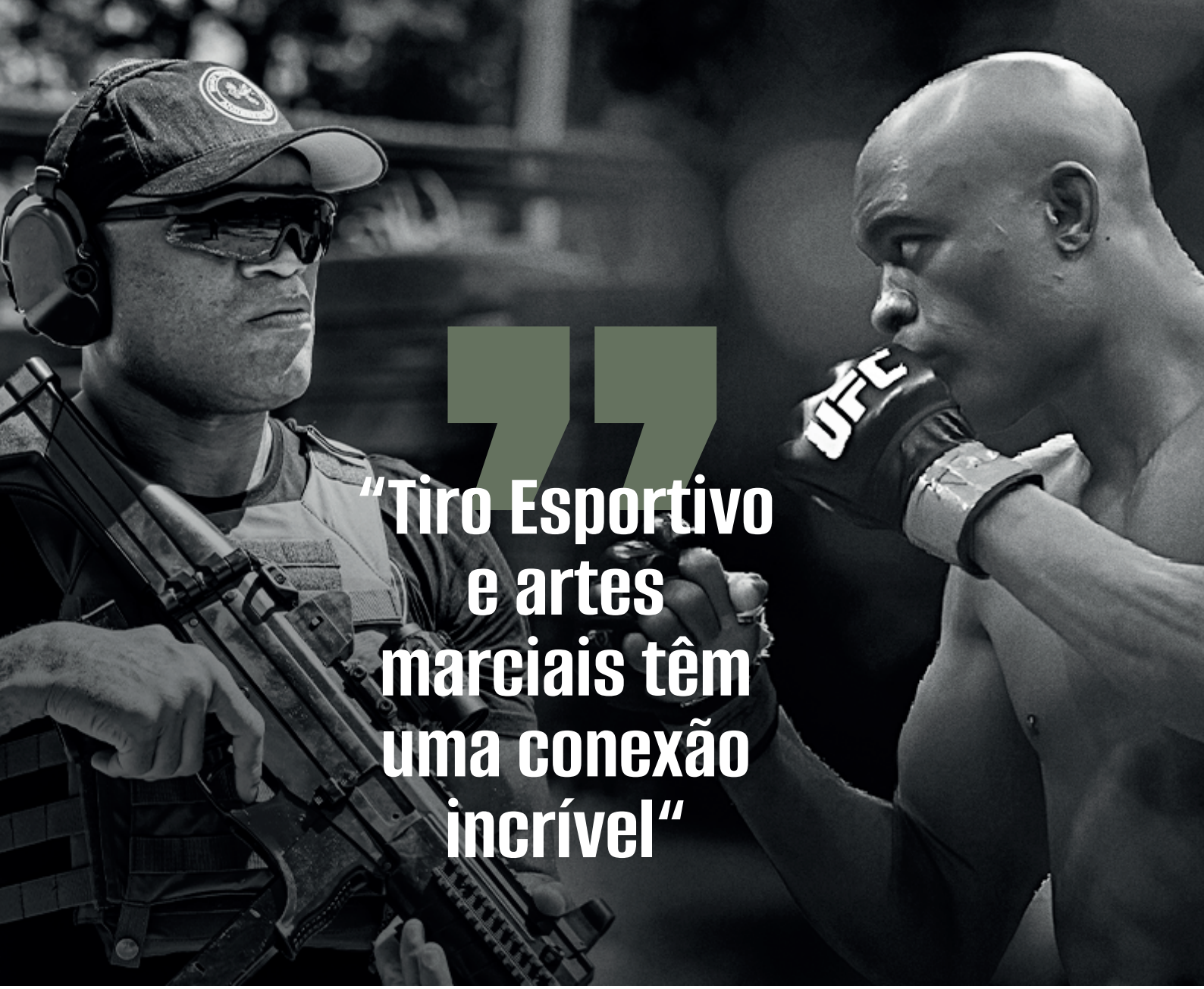
3 a 6 JULHO · 2024
Dia 3/Jul exclusivo para Lojistas

A família do tiro esportivo, mundo tático, outdoor e caça!

Realização
PLAN EVEN TOS

shotfairbrasil.com.br

@shotfairbrasil @tvshotfairbrasil



> "Tiro Esportivo e artes marciais têm uma conexão incrível"

Fui campeão do UFC (Ultimate Fighting Championship) por um longo período, estabelecendo um recorde de 16 vitórias consecutivas e defendendo meu título por 10 vezes. Venho de uma família de policiais, sempre tive acesso a armas e treino. Acredito que arma de fogo não é para qualquer um e fundamental ter treinamento e responsabilidade para a prática do tiro. Sou praticante desde 2019 e tenho a certeza absoluta que: "tiro Esportivo e artes marciais têm uma conexão incrível"

Quando pensamos em esportes, muitas vezes categorizamos disciplinas de forma isolada, como se fossem mundos totalmente separados. No entanto, minha experiência com tiro esportivo e lutas revelou um entrelaçamento inesperado e valioso entre esses dois universos.

DISCIPLINA E FOCO

Tanto o tiro esportivo quanto a luta exigem uma concentração e disciplina imensas. No tiro, a precisão é fundamental; cada movimento, cada respiração e cada pensamento devem estar alinhados para acertar o alvo. Na luta, essa mesma concentração é vital para prever movimentos do adversário e reagir a eles com precisão.

RESPIRAÇÃO E CONTROLE

Um dos principais ensinamentos no tiro esportivo é a importância da respiração. Uma respiração controlada permite maior estabilidade e precisão. Nas artes marciais, a respiração não é apenas crucial para o controle, mas também para a resistência e a execução eficaz das técnicas.

COMO UM COMPLEMENTA O OUTRO

Ao praticar luta, aprendi a estar ciente do meu corpo, dos meus limites e do espaço ao meu redor. Esse mesmo senso de consciência e espaço é fundamental no tiro esportivo. Por outro lado, a paciência e a precisão, que o tiro me ensinou foram extremamente valiosas durante os sparrings e competições de luta.

CONCLUSÃO

Enquanto à primeira vista, tiro esportivo e luta podem parecer mundos à parte, a verdade é que eles compartilham muitos princípios fundamentais.

> A intersecção entre esses dois esportes oferece uma rica tapeçaria de habilidades e ensinamentos que, quando combinados, podem levar um atleta a novos patamares em ambas as disciplinas.

A CONEXÃO MENTAL E FÍSICA

Lutar não é apenas sobre força bruta; é sobre técnica, estratégia e compreensão do oponente. Da mesma forma, o tiro esportivo vai além de simplesmente puxar um gatilho. Ambos os esportes cultivam uma conexão mente-corpo que é difícil de encontrar em outras disciplinas.

ANDERSON SILVA

Anderson Silva é um notável lutador brasileiro de Artes Marciais Mistas (MMA). Amplamente conhecido por suas impressionantes vitórias no Ultimate Fighting Championship (UFC), onde ganhou o título de melhor peso-médio do mundo.

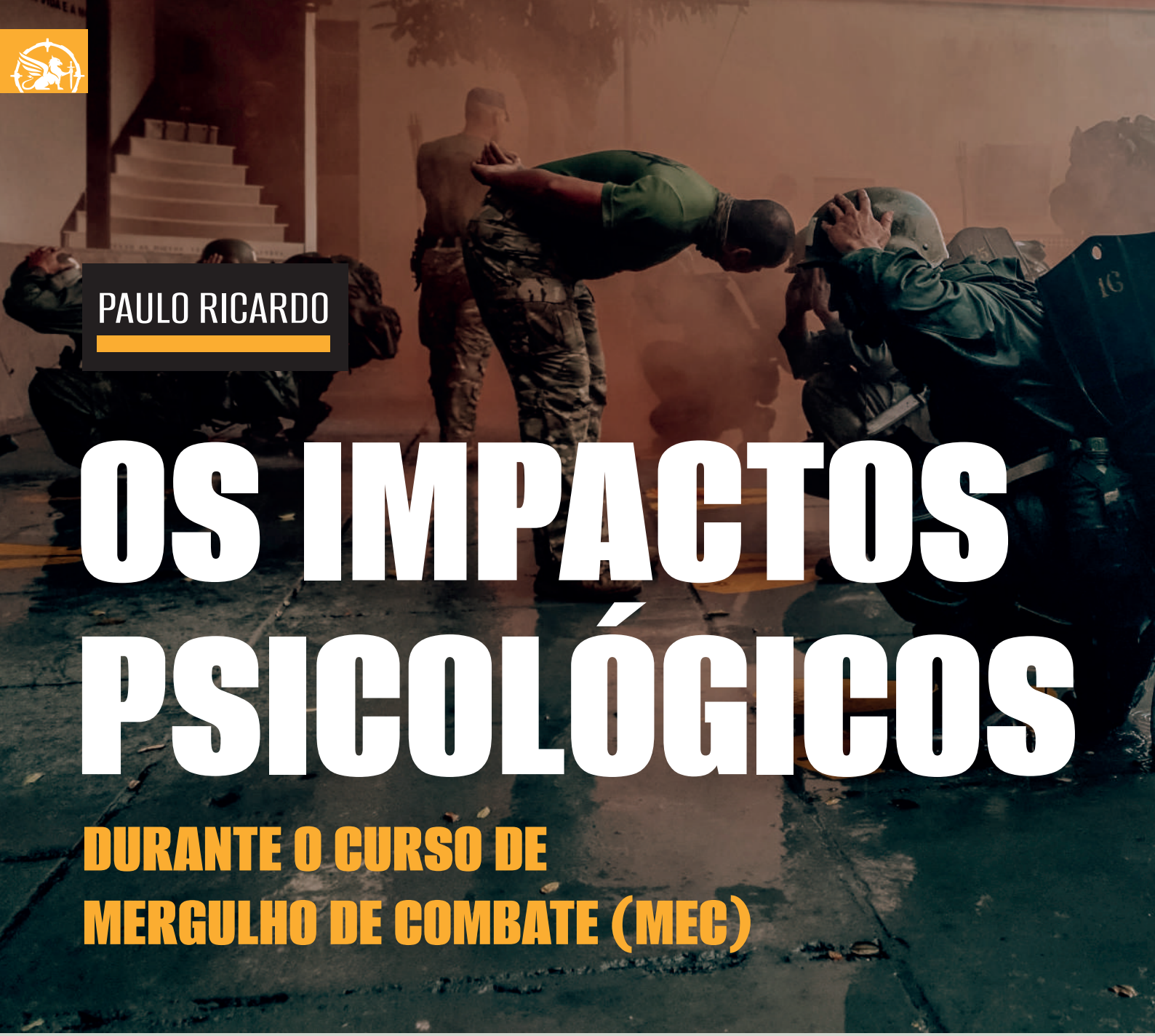
@spiderandersonsilva

5.11®

ALWAYS BE READY

SEU MELHOR VESTUÁRIO, EQUIPAMENTO E CALÇADO

5.11
SIGA A @511TACTICALBRASIL
WWW.511TACTICAL.COM



PAULO RICARDO

OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS

DURANTE O CURSO DE MERGULHO DE COMBATE (MEC)

"Antes de criar campeões, você precisa criar um ambiente em que eles possam crescer. Lembre-se sempre que o instrutor está lidando com um organismo vivo e mutável, não um mecanismo."

– Viktor Ilyich Alekseev.

Segundo a Associação Psiquiátrica Americana, a "fobia universal humana" é um medo irracional, opressivo e incontrolável de um objeto ou algo específico. É importante ressaltar que fobia é muito mais que apenas um medo. O Manual de Diagnóstico de Desordens Mentais (DSM), a "Bíblia" da psiquiatria e psicologia, declara especificamente que quando o fator casual de um estresse é de natureza humana, o grau do trauma é mais severo e durador. Em outras palavras, quando é outro ser humano que causa nosso medo, dor e sofrimento, isto nos quebra, nos destrói e nos devasta. Para se ter efetividade em combate, são criadas situações específicas no Curso de MEC. Um Currículo do Curso de MEC, é necessário de

forma a preparar e testar a habilidade dos alunos em suportar situações operacionais de extremo desconforto, em condições psicológicas adversas, bem como avaliá-los quanto à exposição ao frio, ao sono escasso, ao cansaço e ao racionamento de comida e água, assim como sua motivação, sua confiança na própria capacidade de resistência e seu espírito de equipe, circunstâncias por vezes encontradas quando da execução das tarefas afeta ao mergulho de combate.

Entretanto, muitas pessoas tentam mensurar o que é necessário para efetivamente formar um Mergulhador de Combate da Marinha do Brasil, a tese mais aceita de todas as análises é que são 40% condicionamento físico e 60% condicionamento psicológico (FIGURA 1).

FIGURA 1 (imagem de capa) – Instrutor MEC gerando estresse Físico e Psicológico nos alunos. Diante deste paradoxo e por iniciativa própria, um grupo de MEC do CDDGN (Centro de Desenvolvimento Doutrinário de Guerra Naval), psicólogos de medicina submarina e médicos do CMOpM (Centro de Medicina Operativa da Marinha) e do CIAMA (Centro de Instrução Átilla Monteiro Achê), resolveram aprofundar-se no tema baseados em referências e dados técnicos, a fim de comprovar se um dos cursos com maior taxa de atrição da MB (o Curso de MEC), o sucesso do aluno é realmente: 40% a condição física e 60% a condição psicológica.

HISTÓRICO DO INÍCIO DO ESTUDO DA PSICOLOGIA APLICADA À GUERRA

Ao se falar de estresse em combate, o primeiro termo usado foi o "Shell Shock", que se originou durante a Primeira Guerra Mundial para descrever o tipo de transtorno de estresse pós-traumático com o qual muitos soldados britânicos e franceses foram afligidos durante a guerra.

"Shell Schock" (FIGURAS 2 e 3) é uma reação à intensidade do bombardeio e da luta que produziu um desamparo que aparece de forma variada como pânico e medo, fuga ou incapacidade de raciocinar, dormir, andar ou falar.

Na Segunda Guerra Mundial e posteriormente, o diagnóstico de "choque de guerra" foi substituído pelo de reação de estresse de combate, uma resposta semelhante, mas não idêntica, ao trauma da guerra e do bombardeio. Embora o termo "shell shock" seja normalmente usado na discussão da Primeira Guerra Mundial, sua natureza relacionada a explosivos de alto impacto também fornece aplicações modernas. Durante sua implantação no Iraque e no Afeganistão, estima-se que aproximadamente 380.000 soldados dos EUA, cerca de 19% dos mobilizados, sofreram lesões cerebrais causadas por armas e dispositivos explosivos. Isso levou a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa dos EUA (DARPA), a abrir um estudo de US$ 10 milhões sobre os efeitos da explosão no cérebro humano.

A Marinha e o Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos, possuem uma publicação oficial sobre este assunto, a [1] NTTP 1-15M "Combat and Operational Stress Control" ou "Combate e Controle de Estresse Operacional", devido a relevância deste tema. De acordo com estudos da [1] NTTP 1-15M "Combat and Operational Stress Control" da U.S. Navy, revelam-se que, embora o cérebro permaneça inicialmente intacto imediatamente após os efeitos da explosão de baixo nível, a inflamação crônica posterior é o que acaba levando a muitos casos de choque de guerra.

FIGURAS 2,3 e 4 - De acordo com o site Rare Historical Photos, a fotografia acima foi capturada durante a Batalha de Flers-Courcelele, que ocorreu na Ofensiva de Somme, em setembro de 1916, na Primeira Guerra Mundial.

PSICOLOGIA APLICADA ÀS OPERAÇÕES ESPECIAIS

O Propósito do Curso de MEC é: habilitar, por meio de atualização e ampliação, os Oficiais do Corpo da Armada e do Quadro Complementar do Corpo da Armada e Praças do Corpo da Armada, para operar equipamentos de mergulho, armamentos, explosivos, utilizar técnicas e táticas para guerra não convencional, conflitos de baixa intensidade e realizar as tarefas previstas no ComOpNaV-359 - Manual de Operações Especiais (RES).

Diversas são as características (de acordo com o Currículo do Curso de MEC) que devem ser desenvolvidas pelo aluno durante um curso de Operações Especiais, dentre elas:

a) Agressividade controlada;

b) Pensamento rápido e sob pressão;

c) Tomadas de decisão em situação de risco elevado;

d) Frieza controlada no engajamento de alvos.

Partindo de uma linha de raciocínio que a transmissão do conhecimento é realizada através de dois métodos: o Vertical e o Horizontal, serão explicados abaixo como estes princípios são aplicados a metologia e a técnicas de ensino desenvolvidas no aprendizado do aluno MEC.

I) MÉTODO VERTICAL DE DESENVOLVIMENTO

De acordo com o americano Jack Brehm, PhD em psicologia de Harvard (o qual serviu à Marinha dos Estados Unidos em 1928), a base do método vertical de desenvolvimento humano é a [2] "Psicologia reversa''. Esta técnica, segundo Brehm, consiste na defesa de uma crença ou comportamento que se opõe ao desejado, com a expectativa de que isso convença, onde o estímulo contrário faz superar esta pressão psicológica, e executar o oposto do que lhe foi sugerido.

Um exemplo disso seria quando o instrutor diz o tempo inteiro para o aluno, em uma prova de corrida longa equipada com mochila e armamento, que ele não é capaz de cumprir a tarefa no tempo desejado.

Esse método depende da reação e/ou consentimento de causas negativas emocionais a serem persuadidas, e assim "o aluno deveria" escolher a opção oposta a que foi proposta pelo promotor da técnica.

Outro exemplo do método vertical, é quando o instrutor dirige-se aos alunos por número, e não posto ou graduação. A FIGURA 4 – Exemplifica o instrutor utilizando o método vertical.

FIGURA 4 - Exemplifica o instrutor utilizando o método vertical[2] "Psicologia Reversa'' (criada por Jack Brehm, em 1928 onde servia na Marinha Americana e após frequentou a faculdade de Harvard, onde se tornou PhD em Psicologia).

II) MÉTODO HORIZONTAL DE DESENVOLVIMENTO:

Segundo o psicólogo Russo, [3]Lev Vygotsky, em 1934 foi descoberto o conceito de aprendizado chamado de "Zona de Desenvolvimento Proximal", ou seja, é a série de informações que a pessoa tem

a potencialidade de aprender, mas ainda não completou o processo. Os conhecimentos estão fora de seu alcance atual, mas são potencialmente atingíveis. A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário. Pode-se exemplificar

BRESCIA®

PREPARED FOR VICTORY

O modelo ***Coraggio*** marca o lançamento da ***Brescia Arms*** no mercado brasileiro. Uma espingarda versátil com dois canos, podendo ser utilizada em diversas modalidades de tiro esportivo iniciante ou caça, garantindo sempre a eficiência e qualidade. A arma encanta pela **beleza**, com detalhes da *"Leonessa d'Italia"* gravados em sua superfície, que representam a garra e o **instinto protetor**.

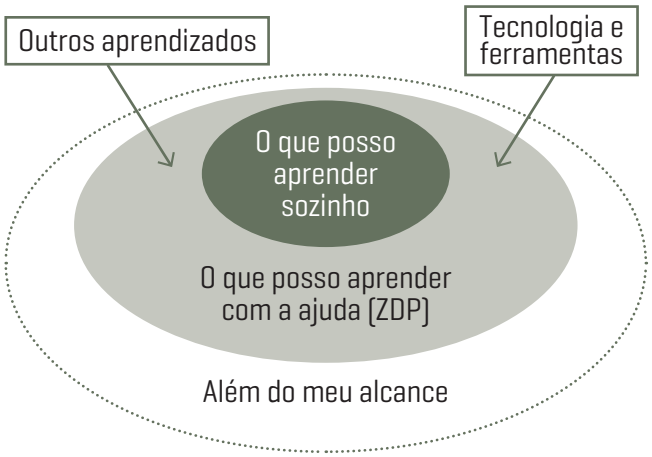
Espingardas desenvolvidas no exterior para atender brasileiros que desejam um produto extremamente **leve**, **compacto**, com **alta qualidade** e excelente **custo-benefício**.

Conheça mais aqui

Brescia Arms *é uma marca pertencente a:*

PAVEI TACTICAL

este método de desenvolvimento horizontal, com relação à teoria de Vygotsky, durante as instruções técnicas no Curso de MEC. Um exemplo típico é quando o instrutor quer ensinar o aluno a atirar com eficiência em alvos em movimento, ou até mesmo, realizar uma navegação submersa com equipamento de circuito fechado, para colocar minas de casco em um navio alvo a 5 milhas náuticas de distância. Nesta fase da instrução, a relação aluno e instrutor passa a ser uma "via de mão dupla", onde o nível de desenvolvimento do conhecimento a ser transmitido, depende de esforços na mesma proporção de quem passa e de quem recebe. Neste modelo do QUADRO 1, o instrutor passa a usar o método horizontal da Zona de Desenvolvimento Proximal, seguindo estas quatro etapas descritas abaixo:



QUADRO 1 – Conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal

1º O instrutor verifica o que o aluno pode fazer sozinho e assim identifica o perímetro geográfico de segurança do aluno.

2º O instrutor conduz o aluno até a zona de perigo ou aquilo que o "aluno não pode fazer sozinho" ou "aquilo que está além do alcance do aluno" e volta, com total segurança e controle de tudo.

3º Dessa forma, gradativamente, o aluno aumenta seu perímetro geográfico de segurança no gesto mecânico, e a parte cognitiva de exposição ao perigo amplifica-se.

4º Ao final da instrução o aluno cumpre a tarefa exigida pelo instrutor, adquirindo grandes habilidades.

[3] Lev Vygotsky, psicólogo Russo, 1896-1934 - Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um conceito elaborado por Vygotsky, e define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda e o Nível de desenvolvimento potencial determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro (uma criança mais velha).

A AMPLIFICAÇÃO DAS COGNIÇÕES EM ATIVIDADES ESPECIAIS SUBAQUÁTICAS.

Segundo a psicóloga [4]Emma Young, formada pela Universidade de Durham, o ser humano não deve possuir somente os cinco sentidos básicos (tato, visão, audição, paladar e odor), segundo ela existem pelo menos, trinta e dois (32) sentidos. Diante do estudo de alguns destes sentidos abordados por Emma Young, os militares MEC arriscam dizer que, pelo menos seis (06) destes sentidos extras, um Elemento de Operações Especiais possui quando operando no meio "aquoso", seu habitat em grande parte das missões.

Dessa forma, serão detalhados abaixo alguns sentidos "extras" aplicados a atividade MEC, provando empiricamente que a vida submersa amplifica as cognições. Seguem abaixo as definições destes sentidos:

I) Nocicepção: é o sentido que permite avaliar o limiar da dor entre o aceitável e insuportável.

II) Sensores de Tensão: são encontrados nos músculos e tendões e permitem ao cérebro monitorar a tensão muscular.

III) Propriocepção: capacidade de saber onde meu corpo está no espaço e em relação a ele.

IV) Equilibriocepção: permite saber além de onde nosso corpo está no espaço, nos permite mantê-lo na posição desejada. O sistema vestibular ou aparelho vestibular é responsável por este sentido e se localiza no ouvido interno, sendo

popularmente conhecido como labirinto. Permite também perceber a força da gravidade e a altura.

V) **Percepção de Profundidade:** é a capacidade visual de perceber o mundo em 3 (três) dimensões, principalmente ao utilizar corretamente a visão periférica, normalmente à noite, onde os cones e bastonetes da visão humana são mais exigidos.

FIGURA 5 – Transição de um MEC da superfície para o meio aquoso.

VI) **Chronocepção:** sentido que te permite perceber a passagem do tempo.

Depois de longos meses de treinamento, a gradual aquisição destes "superpoderes" fazem do elemento de Operações Especiais um combatente muito mais preparado não somente fisicamente, mas também com a parte psicológica amplificada e desenvolvida.

TÉCNICAS EFICAZES PARA MELHORAR A PARTE PSICOLÓGICA DOS ALUNOS MEC

Fica bem claro que estas técnicas que serão passadas, não fazem "milagres" e sem um eficaz programa de treinamento, usando o princípio da especificidade a probabilidade de sucesso do aluno será bem baixa.

Um oficial MEC da Marinha do Brasil, destacou que durante o Curso de Basic Underwater Demolitian/SEAL (BUDS/SEAL), quatro (04) grandes princípios foram apresentados por neurocientistas da U.S. Navy, a fim de melhorar o desempenho dos alunos do Curso de SEAL durante situações de extremo stress físico e mental, aumentando de fato a resiliência do indivíduo.

Segue abaixo a lista destes princípios:

1) CONVERSA INTERNA

(FIGURA 6) O aluno o tempo inteiro diz para si mesmo que não pode desistir e o instrutor controla tudo, menos o tempo.

FIGURA 6 – Mostra cada aluno do curso de MEC com sua conversa interna

2) CONTROLE DAS EXCITAÇÕES

O aluno aprende a superar a hidrofobia, o frio, a fome e a sede, sem se queixar, e entende que faz parte do processo de reforma do pensamento.

3) FIXAÇÃO DE METAS

Pequenas mudanças vão gerar grandes resultados, portanto focar por períodos de instrução é uma ótima ferramenta, por exemplo vou aguentar até pela manhã, agora vou aguentar até de tarde e de repente a semana terminou e o aluno não percebe.

4) RESPIRAÇÃO

Diversas respirações são desenvolvidas para o controle emocional, por exemplo a respiração diafragmática, ou em ciclo quadrático/triangulares.

CONCLUSÃO

No Curso de Operações Especiais, esta fobia universal humana é trabalhada ao levar o aluno à exposição de "caos absoluto" diariamente. Dessa forma, gradativamente, o aluno saberá controlar seu medo

em doses lógicas.

Para a Marinha do Brasil, o quanto mais se realizarem adestramentos, simulações de situações, atividades físicas e psicológicas o mais próximo da realidade, o condicionamento dos centros instintivo, motor, emocional e intelectual do combatente estarão harmonizados, e o tal do "pânico" em combate será reprimido e superado.

Ao avaliar os elementos expostos acima, conclui-se de fato que o curso de MEC é 40% a parte física e 60% a parte mental. Porém um físico forte treinado de acordo com as exigências físicas do curso, pode alimentar um psicológico fraco.

FORTUNA AUDACES SEQUITUR

A SORTE ACOMPANHA OS AUDAZES

REFERÊNCIAS:

1. U.S. NAVY. NTTP 1-15M - " Combat and Operational Stress Control". U.S. MARINE CORPS. MCRP 6-11C

2. " Psicologia Reversa'' (criada por Jack Brehm, em 1928 onde servia na Marinha Americana e após frequentou a faculdade de Harvard, onde se tornou PhD em Psicologia).

3. Lev Vygotsky, psicólogo Russo, 1896-1934 - Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um conceito elaborado por Vygotsky, e define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda e o Nível de desenvolvimento potencial determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro (uma criança mais velha).

4. Emma Young – Psicóloga formada pela Universidade de Durham, autora do livro: Os 32 Sentidos Humanos.

5. Livro ON COMBAT – Psicologia e fisiologia do conflito mortal na guerra e na paz – Lt. Col. Dave Grossman com Lorem W. Christensen.

PAULO RICARDO

Mergulhador de combate nº 183

Capitão de Fragata da Marinha do Brasil

Instrutor da equipe Leblonfins aquacidade extrema

Pioneiro do Underwater Rugby no Brasil

@183_ricardosantos

STTUN®
TACTICAL

STTUN STICK®

BASTÃO RETRÁTIL FLEXÍVEL STTUN STICK® É O ÚNICO E MAIS RESISTENTE FABRICADO NO BRASIL, CONSTRUÍDO EM NYLON E NANOCOMPÓSITOS DE GRAFENO, RESISTE ÀS SITUAÇÕES MAIS EXTREMAS, SEJA NOS SERVIÇOS OPERACIONAIS DOS SEGURANÇAS OU PARA DEFESA PESSOAL.
TESTADO E APROVADO, REPELE INJUSTA AGRESSÃO SEM QUEBRAR O OPONENTE.
***EQUIPAMENTO EXCLUSIVO PATENTEADO**

DIMENSÕES :
FECHADO: 25 CM | EXTENDIDO: 61 CM

PESO:
220g

STTUN BLOCK®

É A EVOLUÇÃO DO BASTÃO POLICIAL, CLASSIFICADO COMO (IMPO) INSTRUMENTO DE MENOR POTENCIAL OFENSIVO, FOI PROJETADO PARA ATENDER PROFISSIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA, SEGURANÇA PRIVADA E PARA DEFESA PESSOAL URBANA, PROMOVENDO ALTA EFICIÊNCIA NOS ATAQUES, BLOQUEIOS, DEFESAS, IMOBILIZAÇÕES E CONDUÇÕES.

***EQUIPAMENTO PATENTEADO**

COMPOSIÇÃO! POLÍMERO E COMPÓSITOS DE REFORÇO DE EXTREMA RESISTÊNCIA

MEDIDA: 58 cm **PESO: 606g**

SPRAY DE AUTODEFESA CP25

100% PERMITIDO PARA USO CIVIL, OU OPERACIONAL NOS TERMOS DO ARTIGO 25 DO CÓDIGO PENAL; **"ENTENDE-SE EM LEGÍTIMA DEFESA QUEM, USANDO MODERADAMENTE DOS MEIOS NECESSÁRIOS, REPELE INJUSTA AGRESSÃO, ATUAL (ACONTECENDO) OU IMINENTE (PRESTES A ACONTECER), A DIREITO SEU OU DE OUTREM."**

- DE EFICÁCIA IMEDIATA, CAUSA NO AGRESSOR ASFIXIA, ARDÊNCIA OCULAR, DESORIENTAÇÃO, ÂNSIA E TOSSE.
- **GATILHO DIRECIONADO**
- TRAVA DE SEGURANÇA
- **COMPOSIÇÃO: COMPLEXA MISTURA DE ÓLEOS ESSÊNCIAIS, SOLVENTES E GÁS PROPELENTE (NÃO TÓXICO) (NÃO CONTÉM PIMENTA)**
- VALIDADE ATÉ 5 ANOS

A STTUN TACTICAL® DESENVOLVE, TESTA E FORNECE O QUE HÁ DE MAIS SEGURO E RESISTENTE EM **EQUIPAMENTOS PARA DEFESA PESSOAL, PROFISSIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA E PRIVADA NO BRASIL !**

STTUN®
TACTICAL

ATENDEMOS TODO TERRITÓRIO NACIONAL
SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E TABELA ESPECIAL PARA REVENDA
CNPJ: 38.484.364/0001-67
REPRESENTANTE COMERCIAL (SP) MILTON CRUZ: (011) 94759 - 2672
WWW.STTUNTACTICAL.COM.BR
WHATSAPP: (041) 98836 - 1690

@STTUNTACTICAL

SOFT SKILL

O REFINAMENTO DAS HABILIDADES COMPORTAMENTAIS ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA MARCIAL

FABIO GOMES

Segundo texto publicado no site do Hospital Israelita Albert Einstein, a Organização Mundial de Saúde (OMS) esclarece que saúde mental está relacionada à forma como uma pessoa reage às exigências, desafios e mudanças da vida e ao modo como harmoniza suas ideias e emoções. Não é novidade para ninguém que em diversas cidades do Brasil e do mundo, a saúde mental de muitos profissionais de segurança está comprometida. A rotina diária enfrentada por estas pessoas é desafiadora. Estresse no ambiente de trabalho, atuação em áreas conflagradas dominadas por criminosos, insegurança por não saber se voltará vivo para o ambiente familiar, doenças que podem afetar algum ente querido, falta de recurso financeiro, processo judicial que esteja enfrentando, são apenas alguns exemplos de fatores que podem influenciar negativamente a saúde mental.

Ainda, segundo o site do Hospital Israelita Albert Einstein, alguns dos mais comuns transtornos mentais associados ao trabalho são: a síndrome de burnout, o transtorno de estresse pós-traumático, a síndrome da fadiga crônica, a neurose profissional e a síndrome do esgotamento profissional. Isso pode causar um prejuízo direto à performanse de trabalho destes operadores, pondo em risco a vida deles e a de terceiros. Isso porque as emoções são responsáveis em fazer a interface entre o conhecimento técnico e as situações vivenciadas. Caso esta conexão emocional seja comprometida, a avaliação de cenário, adaptabilidade e tomada de decisão podem não ser feitas apropriadamente.

HABILIDADES COMPORTAMENTAIS OU SOFT SKILLS PARA A SEGURANÇA

Soft skills são habilidades comportamentais relacionadas à forma como os profissionais lidam com os outros e consigo mesmos em diferentes situações, no meio militar são conhecidas como atributos da área afetiva. De acordo com reportagem da Revista Você S/A, o psicólogo e autor do bestseller Inteligência Emocional, Daniel Goleman, afirma que habilidades como resiliência, empatia, colaboração e comunicação são todas competências baseadas na inteligência emocional e que distinguem profissionais incríveis da média.

Tão importante quanto identificar os melhores operadores para o cumprimento de uma missão, é saber o nível de relacionamento entre eles. Operar utilizando somente a experiência e o conhecimento técnico não são o suficiente, é necessário o refinamento de habilidades comportamentais, objetivando aumentar o potencial de sucesso da operação.

EXPERIÊNCIA MARCIAL

A experiência marcial é o estudo vivencial do combate, de forma sistematizada e com progressiva imprevisibilidade, através das artes marciais. Tem a finalidade de cultivar a inteligência estratégica do indivíduo.

O aprimoramento da inteligência estratégica a partir da experiência marcial, chama-se inteligência marcial. Inteligência marcial é um termo cunhado por Leo Imamura, grãomestre em Ving Tsun, tradicional sistema marcial chinês de inteligência estratégica com base no desenvolvimento humano.

Inteligência estratégica, segundo o pensamento estratégico clássico chinês, é a capacidade de antecipar e explorar com sabedoria o potencial existente em uma determinada situação, a partir da interação com o adversário. O pensamento estratégico clássico chinês foi muito propagado por sábios e estrategistas da antiguidade, como Sun Tzu em seu livro "A Arte da Guerra".

O PAPEL DAS ARTES MARCIAIS NA ATUALIDADE

Em todas as artes marciais, ou pelo menos na maioria delas, existe um enorme potencial de transformação e desenvolvimento humano. Infelizmente, muitas pessoas ainda mantêm estereótipos sobre elas e não entendem a amplitude de seu papel na sociedade contemporânea.

> Confundir defesa pessoal, esporte de combate e luta com Artes Marciais é algo comum.

DEFESA PESSOAL é explorar as artes marciais como fonte para elaboração de estratégias com a finalidade de prevenção e defesa contra possíveis ameaças.

O ESPORTE DE COMBATE é a utilização das artes marciais para fins competitivos, como o Vale-Tudo, também conhecido como No Holds Barred (NHB) nos Estados Unidos ou o Ultimate Fighting Championship (UFC), onde existem regras bem definidas, tempo de duração, juiz, número de adversários, entre outras condições para realização dos eventos.

A LUTA está diretamente ligada ao atrito, onde a tendência é a de que o mais forte prevaleça.

AS ARTES MARCIAIS, por outro lado, aprofundam o estudo da luta, visando a, entre outras coisas, dar condições estratégicas de vitória mesmo àquele considerado mais fraco fisicamente, inclusive, sem haver necessariamente a necessidade de um confronto físico com o adversário.

Portanto, mais importante do que impor nossa vontade é perceber o outro. Ainda mais importante do que lutar é identificar situações em potencial que podem levar à vitória, antes de lutar.

Por isso, é importante estudar a luta através das artes marciais tendo como base o desenvolvimento humano. O adversário não é um inimigo, é apenas alguém que está do outro lado. E será exatamente ele que informará sobre sua própria vulnerabilidade (obviamente, não intencionalmente).

Por isso, outro nível de relação deverá ser constituída entre os oponentes. O desenvolvimento humano não é apenas uma questão moral, mas estratégica, pois quando se conhece o outro a relação torna-se mais construtiva, permitindo uma maior percepção do conflito.

Possibilitando identificar as vontades, motivações e outras razões que levam o adversário a buscar o combate. A transição ou caminho do "confronto" para o "encontro" tende a ser mais curta.

Assim, as artes marciais podem até servir para nos defendermos fisicamente, mas utilizá-las somente com este propósito seria empobrecer seu potencial, visto que existem muitos outros valores ligados a essas práticas. O sistema Ving Tsun permite ter essa noção com muita clareza e profundidade.

REFINANDO HABILIDADES COMPORTAMENTAIS (SOFT SKILLS) ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA MARCIAL

A matéria publicada na revista Você RH, com o título "Carreiras líquidas: adaptabilidade é o novo mantra da gestão de pessoas", inspirada na frase do ator Bruce Lee em Longstreet, série de 1971, que dizia "Be water, my friend" ou em português "Seja água, meu amigo", apresenta a importância do refinamento da inteligência emocional, seja para enfrentar crises, lidar com o inesperado ou encarar transformações. Ainda, segundo a matéria, a metáfora de ser como água mostra que é fundamental desenvolver e/ou refinar competências de acordo com o contexto.

Como muitos sabem, além de ator, Bruce Lee foi um profundo estudioso das artes marciais, em especial o sistema Ving Tsun. Na China antiga, entre outras finalidades, o sistema Ving Tsun era utilizado por famílias abastadas com o objetivo de preparar os descendentes para administrar seus negócios no futuro. Com isso, eles tinham acesso a experiência marcial, para aprimorar a inteligência estratégica de cada um.

A experiência marcial tem o potencial de fazer-nos pensar de forma diferente como percebemos e interpretamos a realidade, colocando em movimento o pensamento, desenvolvendo um significado que é estendido para a vida da própria pessoa, utilizando os movimentos do corpo humano no sentido de frustrar a divisão mental entre o agir e o não agir, que petrifica a fluidez de uma tendência e impede que se identifiquem os sinais ínfimos da transformação que está por vir.

Assim, fica quase impossível a pessoa não ser ela mesma durante a experiência marcial, proporcionando um ambiente favorável para o estímulo da mudança de comportamento, mesmo porque, os movimentos não são baseados em "técnicas de luta", visto que "técnica" está relacionada a um procedimento operacional padrão para a realização de uma tarefa e, assim como no combate real (onde não há regras, juiz, tempo de início e término, quantidade de adversários ou um ringue), a vida é dinâmica, está em constante transformação, dificilmente ocorrerá algo exatamente igual ao que foi estudado a nível "técnico".

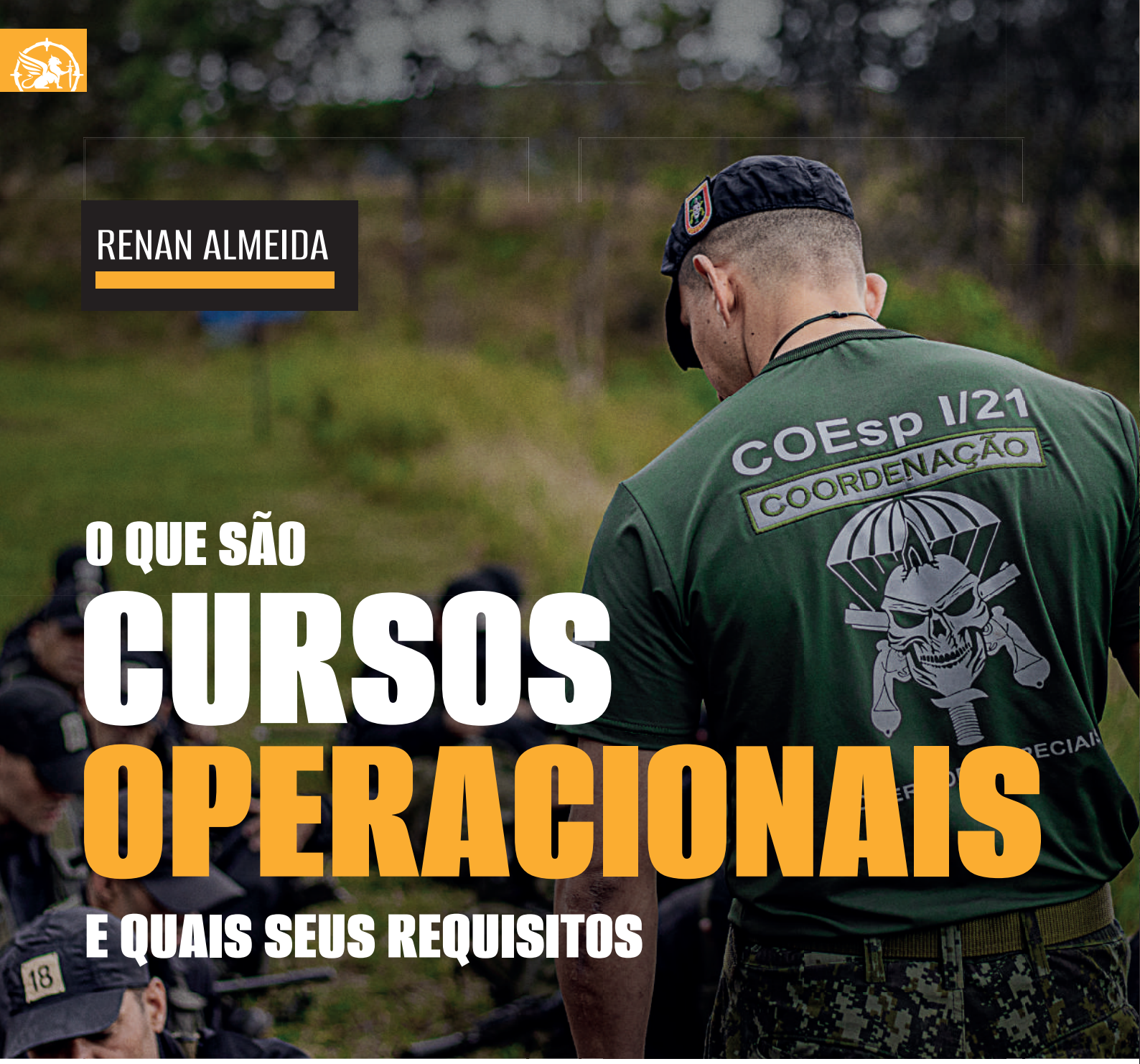
Os movimentos utilizados na experiência marcial são fundamentados em "dispositivos corporais de combate", que possibilitam preparar o indivíduo para ampliar seu nível de percepção da situação em que está vivenciando, de forma a ter mais condições de se adaptar e tomar decisões apropriadas em seu dia a dia. Desta forma, saber administrar o emocional ou as habilidades comportamentais é fundamental para o êxito no trabalho e na vida.

FABIO GOMES

É graduado em Gestão de Segurança e mestre em Ving Tsun (MYVT Martial Intelligence - São Paulo e International MYVT Federation - Nova York).

@fabiogomes.insta

www.fabiogomes.com



RENAN ALMEIDA

O QUE SÃO CURSOS OPERACIONAIS E QUAIS SEUS REQUISITOS

De forma ampla, consideramos Cursos Operacionais aqueles ministrados por unidades policiais e militares especializadas e o seu objetivo principal é capacitar os recursos humanos a resolver um tipo específico de missão ou ocorrência que apresentem risco à vida ou à ordem estabelecida.

Embora esse termo (Cursos Operacionais) também possa seja usado no mundo civil com relação a cursos ofertados a trabalhadores de nível técnico, esclareço que estamos nos restringindo à área operacional de Segurança Pública.

Dito isso, vamos prosseguir com nossos estudos. Semanticamente, o substantivo "Curso" nos remete a eventos voltados à formação ou especialização profissional, e seu adjetivo "Operacional" tem relação direta com sua área de atuação.

Dentro de uma instituição temos três níveis de atuação que merecem especial atenção, são eles:

LANÇAMENTO

AUROK

Óculos de Tiro Trap

Possui **4 lentes** grandes e sem aro para visão totalmente desobstruída e proteção completa dos olhos.

Revestimento de lente avançado e multifuncional: **Oleofóbico + Hidrofóbico** (repele chuva, spray, manchas de água, graxa, manchas de impressões digitais).

Siga-nos no ***Instagram***

@aurokbrasil

Aurok é uma marca pertencente a

PAVEI TACTICAL

NÍVEL ESTRATÉGICO

IRÁ ANALISAR E DEFINIR OS RUMOS A SEREM SEGUIDOS;

NÍVEL TÁTICO

ESTABELECE OS MEIOS GERENCIAIS, E DITA OS CAMINHOS A SEREM PERCORRIDOS PARA SE CHEGAR AO OBJETIVO PROPOSTO PELO ESCALÃO;

NÍVEL OPERACIONAL

SETOR RESPONSÁVEL POR COLOCAR EM PRÁTICA TUDO O QUE FOI PLANEJADO, CONCRETIZANDO O OBJETIVO DEFINIDO NO NÍVEL ESTRATÉGICO.

Cada um desses níveis possui um método de ensino próprio e, como já é de se imaginar, a atuação em ocorrências de grande magnitude exige grupos de intervenção com homens aptos, constantemente treinados e munidos de equipamento adequados, formando-se a tríade homem-equipamento-treinamento.

Os Cursos Operacionais surgem como solução na formação desses grupos de intervenção e trazem consigo dois objetivos principais: selecionar e capacitar.

A seleção é representada pela forma com que os cursos são conduzidos. Geralmente o aluno é colocado em situações extremas, que são próprias das atividades que serão executadas, para isso inúmeras atividades e teatros são realizados com o intuito de avaliar a capacidade psicológica e a resiliência do aluno.

Uma outra vertente da seleção é a colocação do aluno no ambiente em que ele irá atuar de forma que apenas aqueles que possuírem a maior capacidade de adaptação fisiológica ao frio, calor, fome, sede e sono irão suportar.

Já a capacitação é representada pelas instruções que lhe serão ministradas durante o curso que terão relação direta com as atividades que serão executadas nas missões reais. Geralmente os alunos são submetidos a uma extensa grade curricular que posteriormente será avaliada por meio de atividades teóricas e práticas.

Não existe uma regra sobre a sequência em que as fases de seleção e capacitação devem ocorrer. Alguns cursos primam por executar a fase de seleção logo nos primeiros dias, nas chamadas Hell Week (semana do inferno), e apenas aqueles que suportarem o processo chegarão à fase de ensinamento que será iniciada na semana seguinte. Existem também outros cursos que optam por conduzir ambas as fases concomitantemente do começo ao fim. Para se formar em um Curso Operacional é necessário que o aluno tenha certos requisitos, alguns deles como capacidade física, psicológica e intelectual, estarão previstos em edital, outros não. Vou discorrer a respeito de 3 desses requisitos implícitos logo abaixo:

1 O primeiro atributo é o voluntariado, não existe chance de formação para uma pessoa que não seja voluntária a passar pelo processo de formação.

2 O segundo atributo é a proatividade, característica de uma pessoa que não possui preguiça e não espera ordens para fazer o que deve ser feito.

3 Por fim, mas não menos importante, é necessário que o aluno possua uma honestidade inabalável, e neste ponto reforço que tal atributo é de caráter intimamente pessoal, pois não pode ser considerado honesto o sujeito que apenas faz o certo quando há alguém lhe observando.

Expressadas essas três características natas, o restante é treinável, basta empenho, dedicação e uma excepcional vontade de vencer, para que um homem comum se torne um Operador Especial.

Atualmente tem se percebido uma forte queda na procura por tais Cursos e sem que tenhamos uma pesquisa para descobrir os reais motivos, posso compartilhar algumas experiências pessoais acrescidas de relatos de outros operadores já formados.

Alguns operadores apontam essa falta de procura em razão desta atividade ser predestinada a apenas uma pequena parcela da população, outros acreditam que o excesso de medo em se submeter ao processo já é suficiente para que os pretendentes sequer deixem de tentar, mas eu prefiro apontar a falta de preparação adequada como fator principal à grande parcela de "tentantes" que falham ou sequer se inscrevem nos testes físicos e justifico meu posicionamento relatando casos de operadores que apenas alcançaram a sua formação após se submeterem duas ou três vezes ao mesmo curso.

Embora os Cursos Operacionais tenham essa característica de possuir uma grande taxa de desligamentos, o seu intuito principal é o bem formar os novos operadores, o que poucos candidatos entendem é que jamais a coordenação irá baixar o nível do curso, apenas pelo luxo de aumentar a quantidade de formados. O brevê está lá, mas você precisar ir buscar o que é seu por direito. Então, se você está pretendendo fazer um Curso Operacional vou deixar alguns conselhos:

"Se prepare o máximo possível, tema a Deus, seja um exemplar chefe de família e jamais se esqueça:

tocar o sino, nunca será uma opção!"

RENAN ALMEIDA

Bacharel em Direito, 2016.

Bacharelando em Educação Física.

Sargento da Polícia Militar do Estado de São Paulo com especialização em:

Curso de Operações na Selva – CIGS/EB;

Curso de Operações Especiais – COE/SP;

Curso de Ações Táticas Especiais – GATE/SP;

Curso de Atendimento Pré-hospitalar Tático – COE/SP.

@renanoalmeida

Patrocínio SPRINGFIELD ARMORY BASE ARMALITE

W2C BRAZIL

O RETORNO

O Maior Encontro de Combate Armado do Mundo.

De 21 a 24 de Março

Base Armalite - Itu/SP

INSCREVA-SE AQUI

W2C.PRO.BR/BRAZIL

Realização W2C+ GROWTH MARKETING

GALERIA DE HONRA

Para reverenciar os autores e artigos que fazem parte da história da revista Marte Opes

PEDAÇO DE BORRACHA

HONNEY CORDEIRO

Em minha trajetória como Policial Civil do Distrito Federal, tive a oportunidade e a honra de participar de vários cursos operacionais, sendo alguns realizados em minha própria cidade, outros em cidades espalhadas pelo Brasil e alguns fora do País. Em todos eles, cursei na condição de "estrangeiro", que é o termo utilizado para referir-se a alunos que não pertencem à unidade que realiza o curso.

Em cada partida, eu levava na mochila minhas esperanças e preocupações, meus sonhos e meus medos e, embora tivesse o cuidado de me preparar mentalmente para que cada um desses sentimentos ocupasse tão somente o espaço que lhe era devido ou o máximo de espaço que lhe era permitido.

Por vezes alguns deles assumiam o protagonismo da minha mente. Às vezes, era visitado pelo ânimo, às vezes pelo desânimo. Em algumas ocasiões era dominado pela vontade, em outras pelo medo.

Não há como ser diferente, pois essas batalhas eram repletas de dificuldades, que envolviam grandes períodos longe da família, altos investimentos de dinheiro em enxoval, e, claro, inevitavelmente, as dificuldades oferecidas pelo curso em si, com suas etapas de resistência (física e psicológica) e de técnica.

"POR QUE VOCÊ QUER FAZER ESSE CURSO? POR QUE VOCE QUER SER FALCÃO? POR QUE VOCÊ QUER SER GRIFO? OU, POR ÚLTIMO, POR QUE VOCÊ QUER SER CAVEIRA?"

Diante da quantidade de questões e fantasmas que assombram qualquer aluno – e aqui me incluo, a desistência por tantas vezes se traveste de oportunidade.

Oportunidade de permanecer na zona de conforto, usufruindo o que já foi conquistado, sem ter de provar nada a ninguém e especialmente a si mesmo.

Talvez por isso tantos desistam. E, certamente, é por isso que muitos nem tentam. Das frases que mais ouvi ao longo dessa jornada, talvez as que tenham se tornado mais comuns, especialmente nos últimos anos, tenham sido as indagações.

Por que você quer fazer esse curso? Por que voce quer ser falcão? Por que você quer ser grifo? Ou, por último, por que voce quer ser caveira? Muitas vezes, a pergunta nem fazia uso do "por que?", e sim do "para que?"

No início da minha trajetória, essas perguntas me incomodavam, pois simplesmente eu não sabia o que falar. Perdi algumas noites de sono procurando a melhor resposta, aquela que suplantaria qualquer dúvida, ou a possibilidade de novas perguntas.

Mas não encontrava a resposta, e continuava sem saber o que dizer. Minha primeira estratégia era tentar conhecer o instrutor, a unidade onde o curso seria realizado, e dar a resposta que eu achava que estavam querendo ouvir. Mas, na grande maioria das vezes, deu errado.

O curioso é que, quanto mais eu tinha convicção de que queria fazer um curso, menos eu conseguia expressar aos "interessados" e questionadores o porquê ou o para quê.

Não encontrava as palavras certas, aquelas que convenceriam o meu interlocutor de que aqueles motivos legitimavam o meu desejo.

Somente o tempo, sempre ele, o senhor de todos os ensinamentos e amadurecimentos, foi me trazendo essa resposta.

Ou melhor, foi fazendo com que emergisse a resposta que sempre havia habitado no meu coração, na minha mente, e que não conseguia verbalizar.

Foi então que, no último curso operacional que fiz, lá estava novamente ela, a pergunta: "56 por que você quer ser Caveira?"

Minha resposta foi: Não sei, Senhor

Pronto, após 13 anos fazendo cursos operacionais, eu acertei, pela primeira vez, a resposta. Talvez você, que está a ler agora este relato, pense, ou até mesmo diga em voz alta, quase indignado: "desde quando 'não sei, senhor' é resposta?"

Sem muitas delongas e demoras, eu explico: Quando desejamos fazer um curso, a imagem que nos vem à mente e as palavras pelas quais nos referimos ao curso remetem ao "brevê".

Penso em me tornar um Falcão, um Grifo, um Caveira - citando apenas alguns de tantos existentes - e o "título", o brevê, é o que possuo, naquele momento, para verbalizar o meu desejo. Por isso, pode parecer que o brevê é, em si, o meu objetivo.

Mas não é. Por isso nunca respondi que queria o brevê de um curso. Um brevê é um símbolo, um adereço, um adorno, a ser incorporado – ou não – ao seu uniforme ou farda de trabalho, que tão somente vai mostrar àqueles que conhecem o curso, que você possui formação naquela Unidade.

Isso, por si só, não é o motivo de você querer passar por tantas dificuldades. isso é a materialidade de um brevê. Mas na conquista de um brevê, é a forja trazida pelo sofrimento, pela dor, pelas lágrimas e pelos risos, pelas vitórias e pelas derrotas, que vão tatuando na alma cada experiência ali vivida.

A verdadeira brevetação acontece no âmago do seu ser, na ruptura com o antigo homem para o nascimento do novo.

Essas experiências mudam a impressão digital do seu caráter, do seu espírito. Essa é a SUBJETIVIDADE de um brevê. E é esta última que importa, que permanece. Ainda que você perca o brevê físico, o que realmente tem valor permanece: quem você se transformou no processo.

Dizer "não sei, senhor" é a melhor resposta para algo tão subjetivo e pessoal, tão particular e individualmente íntimo, que não há palavra que defina, não há expressão que explique. Qualquer tentativa de fazê-lo será fracassada e incompreendida.

Portanto, embora eu não possa verbalizar o porquê, ou o para quê desejo fazer um curso, o certo é que, sem a verdadeira essência do brevê, ele é tão somente **um pedaço de borracha.**

HONNEY CORDEIRO

Policial Civil do DF

Caveira

Falcão

Autor de: Nunca Toque o Sino

@honney_oe

LUMINOX
SWISS MADE
Luminox
MIL-SPEC
3350 Series

G25

Compacta | 380 Auto

br.glock.com

GLOCK®
PERFECTION